

REDATOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da C. G. T.

EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Lisboa — PORTUGAL

End. teleg. Tathata — Lisboa • Telefone: ?

Oficinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

A IDEOLOGIA SINDICALISTA

Nem só de pão vive o homem... O sindicalismo não é exclusivamente uma teoria mecânica de organização proletariana. Negar que haja no sindicalismo revolucionário uma forte dose de idealidade é confundir-lo no estreito corporativismo tradicionalista donde foi arrancado pela fecunda potência renovadora que caracteriza a alma da latinidade e que fez dela a mais bela e original teoria socialista de transformação social.

De facto, o sindicalismo tem uma moral própria que é a moral dos produtores; tem uma educação sua, inteiramente baseada na técnica e uma arte característica que é sobretudo uma «antecipação da alta produção» e um embeleçamento desta mesma produção. Desenvolvemos estas noções.

O que é a moral do sindicalismo? É a moral tirada da produção. Produzir é criar. A criação eminentemente séria e reflexiva. Onde é que a moralidade é mais precária? Nas funções da atrocidade, quer dizer, no comércio e na política. A fraude, a mentira, a hipocrisia são imoralidades. Só a produção é moralizadora porque é a conformidade do pensamento com a ação num fim eminentemente social. A diferença entre o bem e o mal está nas necessidades naturais, isto é, na conservação da espécie e na maior soma possível de felicidade para o homem.

Assim um acto é bom quando é útil à sociedade e mau quando é prejudicial. Ora, o que interessa à colectividade é a sua conservação e só a produção pode assegurar. Produzir é pois o maior dever moral. E neste modo nos aproximamos de Guyau quando define o sentimento do dever «uma superabundância de vida que procura e querer-se, dar-se», isto é, criar, produzir.

Demais, onde é que se manifesta a uma consciência profissional escrupulosa? No operário. Bem sabemos que se o trabalho é muitas vezes imperfeito, isso depende menos da competência profissional do que da exigência patronal que para vencer a concorrência pode no mercado produtos desfeitosos e incompletos, suscetíveis de serem por um baixo preço. E aqui se confirma ainda a imoralidade do patrício, do comerciante, isto é, do agente de troca, aviltando a dignidade do trabalho, cujo objectivo é produzir bem. Trabalhar bem — como praticar o bem — é um impulso espontâneo, filho de nós mesmos, é um instinto comum a todo o vivente. Um dos caracteres de moral é pois o desinteresse.

E que desinteresse não manifesta o operário na fabricação dum produto, na execução dum obra de que ele não beneficiará e que ele será mesmo mal retribuído? E não é este estímulo o instinto

Os fatores da carestia

Os stocks destruídos

Já aqui nos ocupámos do monumental escândalo dos stocks norte-americanos em França: o governo francês recusava adquiri-los e não os deixava vender nem dar, para não fazer baixar os preços! Daí a destruição dum parte deles!

A produção reivindica também uma educação peculiar que é uma espécie de pedagogia da técnica. Saber-se a tendência cada vez mais prática do ensino. Na maioria das escolas predomina ainda o ensino livreiro e verbal, é certo, mas há um progresso no ensino profissional. A oficina tende a ser um laboratório de arte aplicada. O trabalho intelectual que era quase uma função privilegiada das classes superiores, é hoje um meio e já mais não é fim, e tende a tornar-se em muitos casos um instrumento de aperfeiçoamento profissional, a cultura técnica.

De facto, o sindicalismo tem uma moral própria que é a moral dos produtores; tem uma educação sua, inteiramente baseada na técnica e uma arte característica que é sobretudo uma «antecipação da alta produção» e um embeleçamento desta mesma produção.

Desenvolvemos estas noções.

O que é a moral do sindicalismo? É a moral tirada da produção. Produzir é criar. A criação eminentemente séria e reflexiva. Onde é que a moralidade é mais precária? Nas funções da atrocidade, quer dizer, no comércio e na política.

Vejamos agora o lado estético da produção.

A beleza é o sentimento duma harmonia. Ora o trabalho é o conjunto harmônico de forças em ação. Assim o trabalho já em si é belo. Os artistas temo tirado grandes efeitos do trabalho, sobretudo pela transcendência que sugere um grande esforço empregado. O ferreiro hercúleo malhando o ferro em braza donde jorra um formidável de estrelas revela o que quer que seja de sublime. Tem-se objectado que a utilidade exclui a emoção estética, o que não é exacto. O semeador que afira os socalcos do grão dourado, é belo menos pelo seu gesto do que pela finalidade entrevista, a seara brotando da terra e amadurecendo em pão. Há quem tenha também pretendido demonstrar que a indústria moderna é anti-estética. Pois não haverá beleza nas máquinas agindo como organismos, animadas pelo fluido que silenciosamente percorre tão misterioso como a própria vida? Tudo o que é útil, isto é, adaptado a um certo fim e ordenado para este fim, diz ainda Guyau, causa na inteligência uma satisfação e adquire assim um certo grau de beleza.

Há inegavelmente uma beleza superior nesta transformação da matéria que se observa na indústria moderna obtida pelo esforço conjugado do gênio de todos com as forças da natureza. E se o trabalho já assim nos parece belo, o que não seria ele executado pela técnica aperfeiçoada e pela mão guiada por um cérebro consciente e culto? O produtor, o supremo criador, tem de ser necessariamente um artista no significado superior do termo.

Venceram os republicanos. Só não venceu o programa pomposo que eles se haviam comprometido a realizar uma vez seniores dos destinos nacionais.

Do regime ominoso que tomou a aproveitou-se tudo — excepto alguma coisa que possivelmente lá pudesse haver de bom. O mar ficou integralmente e ainda hoje com carinho se conserva. Processos de administração, os mesmos. Venalidade, a mesma. Só não ficou na mesma a situação do povo. Essa piorou. Piorou o povo economicamente, e economicamente também piorou, de um modo geral, o país inteiro.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

Em Barcelona o sossego tem sido completo, parecendo que, devido à tranquilidade e ao estado de espírito existente entre patrões e operários, se não daria o acontecimento importante.

Todavia, de par com os intuições conciliatórias dumas partes os patrões, províncias e povoações houve que os trabalhadores se viram forçados a declarar a greve, como por exemplo em Huelva e Rio Tinto, onde os mineiros abandonaram o trabalho às 8 horas depois de ele haver começado. Os patrões porém acederam à implantação da jornada, e, por isso não há motivo para que o conflito pressiga.

Nas Asturias também os mineiros se declararam em greve em algumas secções. Os ferrovários de Rio Tinto declararam-se em greve e em Valladolid chegaram a acordar os empregados do comércio com os respectivos patrões. Aquelas não poderão trabalhar mais do que as oito horas mas estes estão autorizados a continuar com as portas abertas.

Os empregados da Companhia de Tracção Eléctrica pelo regime das oito horas, ficaram assim equiparados. Os agentes da Central eléctrica, depósitos e dependências serão assimilados aos das oficinas de depósitos de tracção a vapor, os condutores e ajudantes de tracção eléctrica assimilar-seão ao pessoal de máquinas e foguetes de

transporte. Isto é, fundar especialmente ensinos post-escolares especializados.

Não se fala em obrigar o operário a trabalhar mais horas e mediante menor salário: pede-se à máquina, à técnica, à boa organização, o que o homem não deixa nem pode dar, para bem de todos.

U. S. O. DE LISBOA

Em harmonia com o deliberação, em assembleia de delegados realizada ontem com a presença das direções dos sindicatos, efectuou-se hoje, pelas 16 horas, na sede da C. G. T., uma sessão magna de protesto contra as prisões dos jovens sindicalistas.

Para esta sessão convidaram-se as Federações de Indústria e todos os sindicatos a nomear delegados que deverão usar da palavra.

E' de esperar que todo o operariado, esquecendo os festeiros de hoje, compareça a esta sessão.

A Comissão Administrativa

A BATALHA

Não se publica amanhã o nosso jornal. Errará, no entanto, quem atribuir a esta suspensão de um dia qualquer significado político. A Batalha, que combate a iniquidade, em nome de uma multidão de sofredores, não tem, por enquanto, datas a festear. Mas não quer que os mal intencionados a acussem de mercantilismo, como poderia acontecer se a vissem publicar-se num dia em que a concorrência por outros jornais se não verifica.

NOTAS E IMPRESSÕES

Por fora cordas de viola...

Por mais que pretendam desviar-me do meu rumo, e apesar das jornais se esboarem a proclamar em todos os tons da escala diatônica a nossa — nossa é como quem diz — incônia em todos os assuntos que pareciam dever merecer algum interesse só à rapaziada que governa o barco, eu também quero fazer a minha perninha nesse círculo estendido de todos os dias, que nos grita a voz de todos os dias, que nos importa com coisas causadas de política e do ruído das bombas, a gente importa tudo do estrangeiro, mas não ha quem se importe com coisa alguma que nos respeita, como, de resto, o estrangeiro amigo, e por nós demasiado conhecido, também se não importa connosco. De vez em quando chegam cá a este círculo ignorado e escondido, tam escondido que não há quem o ache... digno de consideração e estima, uns figurinos bem impressos, que o mais londrinamente possível, participam aos sens estinavéis fregues que é necessário mudar ou refundir o vestuário consante o seu capricho — o figurino está claro — e a sua fantasia.

E aqueles que se vestem conforme as conveniências dos outros e segundo o gosto dos mesmos, submetem-se e transformam a farpa.

Quanto aos homens. As senhoras fazem o mesmo. Copiam as modas de Paris e sejetam-se a elas com uma docilidade espantosa. Há por exemplo, uma lei que faz barulho, que interessa a povo dedeterminado país, ainda que esse país seja Marrocos. Os estadistas do abençoado torrão de aquar ond vivemos poe logo em campo. Logo. E com a actividade que caracteriza ésta bom e pacífico Z-Albarda dão à luz, passados uns quinze anos, quando essa lei já foi revogada e substituída por outra, aparentemente mais liberal e democrática, uma cláusula que não chanceava servir para não magoar o lugar-comum, mas disparatada e destruída de sentido, também é, afinal um lugar-comum na lusitana gente. E assim por diante. Portugal copia tudo, porque de tudo se sente falho, desde a competência criadora até ao juizo e à vergonha.

Houve agora um lampejo de talentos círculos esclarecidos dos homens superiores da nossa terra, e esse rasgo luminoso que em outro qualquer momento poderia parecer incoerente e até talvez incorrecto — há gente que interpreta que a ação dessa meia dúzia era fortalecida e guindada ao triunfo pelas vontades dos muitos que em espírito os acompanhavam e afinal venceram, e nem pôde dizer-se que a vitória fosse conseguida à custa de sangue inundantes. Venceram. A monarquia foi-se assim. Veio a República. Veio e tem vivido. Quasi nem dariam por ela se não fôr o apoteótico desemprego com que os patriotas nos perfuram os timpanos a lembrar-nos, à força de detonações, que faz hoje anos...

Lebramo-nos bem. A tentativa audaz de meia dúzia, triunfante talvez porque a população inteira depositava neles as suas mais íntimas esperanças, talvez porque a ação dessa meia dúzia era fortalecida e guindada ao triunfo pelas vontades dos muitos que em espírito os acompanhavam e afinal venceram, e nem pôde dizer-se que a vitória fosse conseguida à custa de sangue inundantes. Venceram. A monarquia foi-se assim. Veio a República. Veio e tem vivido. Quasi nem dariam por ela se não fôr o apoteótico desemprego com que os patriotas nos perfuram os timpanos a lembrar-nos, à força de detonações, que faz hoje anos...

Venceram os republicanos. Só não venceu o programa pomposo que eles se haviam comprometido a realizar uma vez seniores dos destinos nacionais.

Do regime ominoso que tomou a aproveitou-se tudo — excepto alguma coisa que possivelmente lá pudesse haver de bom. O mar ficou integralmente e ainda hoje com carinho se conserva. Processos de administração, os mesmos. Venalidade, a mesma. Só não ficou na mesma a situação do povo.

Essas piorou. Piorou o povo economicamente, e economicamente também piorou, de um modo geral, o país inteiro.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

As notícias recebidas foram, contudo, satisfeitas. Uma delegação dos cidadãos ferrovários procurou o ministro da Governação para lhe participar que iriam para a greve, e que os boatos que correram só podiam atribuir a um erro de transmissão, o mesmo tendo sucedido em Salamanca, Sevilha e outros pontos.

OS JOVENS SINDICALISTAS

Manteem-se as prisões efetuadas

O proletariado, reunido em sessões magnas, protesta contra a violência governamental — A sessão de hoje na sede da C. G. T.

Os jovens sindicalistas continuam presentes. Nas fábricas, nas oficinas, nos estabelecimentos, os patrões ordenaram já o seu despedimento. Em casa, as mães e os irmãos de muitos deles esperam a férias do sábado para aliviar o peso dos gastos caseiros.

A férias não vem nem virá, e a fome invade os lares dos que a fere. A República se encontra, acusados dum crime que as próprias leis autorizam. Nos calabouços, os jovens passam todas as privações: mal alimentados, com comida pouca e má, mal dormindo sobre as tarimas dos carcereiros a que, à vista das juventudes sindicalistas deixando à sôlita as feras criminosas dos acarinhados. Segue-se o uso da palavra caninizada Antonio Gorge, o qual demonstra que apesar de ter terminado a guerra que serviu de pretexto para a carestia da vida, esta continua a subir, mesmo depois de assinada a paz.

O proletariado continua sofrendo o ronco feito descaradamente à sua bôla. Cada vez que os jovens sindicalistas usam a palavra é apedrejado.

Considerando que o despotismo governamental Sá Cardoso tem perseguido e encarcerado nas mazmorras da República operários honestos pelo crime de quererem impor aos exploradores o direito de liberdade a cidadãos.

Considerando que o governo, cada vez mais reacionário, não tem respeito para a liberdade pelos democatas tam apagados, encarcerando os jovens sindicalistas e deixando em liberdade a cidadãos de parasitas assentadores;

Considerando ainda que jâmais os operários poderão consentir a volta da inquisição, fazendo-se para tal fim um forte movimento;

QUESTÕES VITAS

A Indústria do Turismo

Pode transformar-se, quando formada pelas estações oficiais, num caudal enorme de riqueza

* * * * para o país * * * *

A indústria do turismo é, seguramente, num país como o nosso, em que a delícia incomparável do clima corre paralelas com a beleza inexcedível da nossa paisagem; numa terra economicamente arruinada e de achanadas iniciativas, o problema básico, decisivo, que se impõe resolver quanto antes. Portugal, o clássico jardim da Europa, com excepcionais condições geográficas a valorizarem as suas riquezas naturais, verdadeiras preciosidades que a Natureza pródigamente lhe concedeu, esgota, esférilmente, as suas energias na política partidária. A política absorve quase por completo as atenções dos nossos homens de Estado. A política é quase o único objecto das discussões parlamentares. A política é, já hoje, o vírus maléfico que no sangue português se introduziu e que só médicos hábeis e arrojados poderão combater com eficácia. Em Portugal desprezam-se os grandes problemas. E' triste confessá-lo mas é profundamente verdadeiro o facto. Nação conduzida, desde longe, para uma horrível, quase desesperada, situação económica, ao sabor de administrações ruinosas e sob a tutela de homens de todo o ponto incompetentes, ou, quando aptos e conhecedores do assunto, menos escrupulosos no cumprimento dos seus deveres, encontra-se hoje a braços com um *dilemma* que apavora, sem solução rápida e inteligente para a sua reabilitação financeira. Pois, ainda mesmo nesta situação, que é das mais críticas e das mais perigosas que o país tem atravessado, a baixa política, composta de pequenos ódios, de mal disimuladas rivalidades e de inconfessáveis e variados interesses é o *leitmotif* das conversas dos homens públicos, o assunto em volta do qual gira, pode dizer-se, a vida da nação, o objectivo único da ação parlamentarista. Esta última sessão legislativa excede, nesse particular, tudo o que de mais dissidente até agora se havia feito entre nós. A questão cerebrilera, o magno problema das subsistências em geral, o da hidráulica, o do turismo e tantos outros assuntos tan interessantes, tan complexos e de tanta grande e decisiva influência para o país ficaram protelados pelo debate provocado pela absolvição de um político monárquico no Tribunal Militar de Santa Clara...

Dissémos que o problema do turismo era o problema básico. Repetimo-lo. Nela está um dos segredos da restauração económica do país. Essa questão, encarada de frente, com audácia, com critério, com liberdade, afastar-nos-há, inevitavelmente, do precipício em que estamos quase a despenhar-nos. Há, no país, iniciativas inteligentes e arrojadas? Sem dúvida. Existem capitais bastantes para o desenvolvimento de todo um plano grandioso que valorize as nossas lindas terras e possa chamar o estrangeiro até nós, proporcionando-lhe a distração e o conforto a que está habituado? Prova-se que existem de facto. Encontram-se, entre nós, artistas com qualidades e energia indisplicáveis à realização desse plano, que deve ter um certo grau de amplitude e acuidade. Encontram-se. Que falta então? Que determina o retrairoamento dos capitais e a inércia dos representantes da indústria? Vamos dizer. Esse retrairoamento e essa inércia

"A Bandeira Vermelha" Respondendo ao "Combat"

Entendemos indispensável o exercício de uma ação prática, revolucionária, concordante com a que se desenvolve hoje em todos os países e que tem por fim preparar o ambiente para destruir a organização burguesa e criar um poder proletário que apresse a evolução dos povos da fase capitalista para a fase socialista comunista.

Nestas palavras pode resumir-se o programa e o carácter do novo semanário, *A Bandeira Vermelha*, órgão da Federação Maximista Portuguesa, cujo primeiro número acaba de ser à publicidade. Energético, combativo, intemperado, o órgão maximista promete ser um valioso instrumento de propaganda sindicalista libertário. "Nenhum poder tem e de nenhuma violência se arreca, porque o sangue de cada vítima que houver é línia fecunda onde outras almas se dessedentam. Preparamo-nos para tudo, absolutamente para tudo. Nós não causamos nem mártires."

O maximalismo representa uma possibilidade de triunfo operário. A muralha burguesa a pouco e pouco ali, revelando a cada passo pontos fracos, que o ariete da ação operária perfurará sem custo dentro em breve. *A Bandeira Vermelha* é um ariete que, de funcionamento especial. Efícaz! Supomos que sim. Quando os olhos do combatente se fitam num ideal todos os seus passos representam um avanço. E o órgão maximalista é de fato norteador por um ideal. Depois disto, é oportunamente ajudar que se trata de um periódico aprimoradamente redigido e de magnífico aspecto material.

Código administrativo

O ministro do interior manda convocar para reunir-se na próxima terça-feira, pelas 14.30, a comissão encarregada da elaboração do novo código administrativo.

Os trabalhos no Alviela

O ministro do comércio aguarda o relatório que a Companhia das Águas está elaborando, sobre as obras do Alviela, tendentes a melhorar o abastecimento de águas em Lisboa, que estão orçadas em cerca de 13.000 contos que o governo lhe emprestará. Também estão bastante adiantados os trabalhos da comissão nomeada pelo governo para estudar o mesmo assunto.

TEATRO SÃO LUIZ EXITO MONUMENTAL O PÉ DE MEIA

BESGARRADA:

MANUEL

Casa comigo, escucha,
Podes crer que, é só o teu,
Outro rapaz não se topa,
Com tão gordo pé de meia!

MARIA

Não sei se faz meu deseo
Qualquer pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MANUEL

Dá-me os brincos, podes dar-mos,
Prende-me nessa cadeia;
No dia em que nos casarmos,
Vais ver o tal Pé de meia!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não tens tempo
Quem me te couvei, sou eu,
Pois que o outro Pé de meia
Vais vê-lo... a custa do meu!

MARIA

Em casando, dias bastos,
A Lisboa havemos de ir;
E' um pé de meia p'ra gastos,
Outro... p'ra me divertir!

MANUEL

Nos laços do hymeneu
Ligue-me os ambois dois;
Primeiro mastro é meu...
Vais ver o outro depois.

MARIA

Em fulstros não te metas,
Olha que vais p'ra maior!
Posso passar-te as patinetas,
Se achas que o outro é melhor!

MANUEL

Nada o ten Manuel recusei!
Quem mais te couvei, sou eu,
Pois que o outro Pé de meia
Vais vê-lo... a custa do meu!

MARIA

Em casando, dias bastos,
A Lisboa havemos de ir;
E' um pé de meia p'ra gastos,
Outro... p'ra me divertir!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

MARIA

Tais promessas são boas...
Mas podes ser trapaceiro!
P'ra que a corda não me rias,
Quero ir lá vê-lo o primeiro!

MANUEL

Não sei se faz meu deseo
Qualquer Pé de meia a tóal
O Pé de meia que almejo
E' um que há lá em Lisboa!

